

EROSCIDADES: O GRANDE MOTEL DAS ESTRELAS

Em sua monumental obra *A cidade na história*, Mumford sustenta a hipótese de que *linguagem* e *cidade* talvez tenham nascido juntas, e juntas tenham constituído o ponto de partida da cultura humana no pleno sentido da palavra. Alguns anos depois daquela publicação, Roland Barthes, em ensaio muito conhecido pelos semioticistas, parece enriquecer essa idéia ao perceber a própria cidade como constituindo uma linguagem. Por fim, quando Ítalo Calvino lança *Cidades invisíveis*, podemos fechar o círculo. Em uma passagem dessa narrativa, diz Marco Pólo ao todo poderoso Kublai Khan: “Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles”.

Trata-se apenas de uma entre tantas passagens que poderiam ser citadas aqui para servir de exemplo do que se quer evidenciar: a possibilidade de uma relação efetiva entre o discurso literário e o que poderíamos chamar de um discurso urbano, um discurso da cidade, uma voz (vozes) da cidade. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, de Richard Sennett, publicado em 1994, é um belo exemplo disso. Remetendo ao clássico *As pedras de Veneza*, de Ruskin, o ensaísta faz falar não apenas as pedras de Veneza, mas as “pedras” de algumas das mais importantes cidades da civilização ocidental. A começar pela Atenas, de Péricles, e chegando até a Nova Iorque de nossos dias. Refaz, assim, ainda que de um ponto de vista muito particular, o caminho percorrido por Mumford cinquenta anos antes.

Trata-se, no presente ensaio, de se pensar um daqueles tantos discursos possíveis de serem encontrados na cidade, no caso, o discurso erótico, o discurso erotizado e erotizante, que permeia de ponta a ponta a experiência urbana contemporânea, assim como suas representações. A temática é tão fascinante quanto complexa, além de marcadamente contraditória, o que, a princípio, não deve ser visto como algo negativo, pelo contrário. Convém, no entanto, nos aproximarmos devagar.

Pretende-se, aqui, tão somente, estabelecer um ponto de partida para uma abordagem em torno do que poderíamos chamar de “amores urbanos”, vistos aqui como experiências eróticas e amorosas constituindo-se em íntima dependência do ambiente urbano das grandes cidades. Para tanto, tomo como referência fundamental a maior concentração urbana brasileira, São Paulo, a partir de um autor cuja obra legitima-se como um paradigma de sua representação, em especial no que diz respeito aos jovens de classe média das décadas de 80 e 90 do século XX: Caio Fernando Abreu. A escolha recaiu sobre a coletânea de contos intitulada *Os dragões não conhecem o paraíso*, onde busco extrair algumas “cenas” representativas de uma *ars amatoria* metropolitana contemporânea.

Antes, porém, gostaria de me remeter ao início desse século XX, para estabelecer um ponto de fuga, um fundamento organizador dessa reflexão, num ensaio seminal e bastante conhecido do sociólogo alemão Georg Simmel, publicado justamente em 1901, na abertura do século, com o título de “A metrópole e a vida mental”. Simmel que, aliás, se preocupou muito de perto, em outros textos, com esse tema do erotismo e suas vinculações com o viver metropolitano.

A partir da sua experiência direta com a “turbilhonante” Berlim da virada do século, Simmel descreve pela primeira vez um conjunto de características que iriam configurar o comportamento típico do que ele chamou de homem metropolitano. Não é por acaso que, cem anos depois de sua publicação, aquele ensaio revela-se tão atual e tenha entrado para a categoria de clássico absoluto na área dos chamados *urban studies*. O desenrolar do século XX e o crescimento cada vez mais acelerado das grandes concentrações urbanas do planeta só veio confirmar o acerto com que Simmel apreendeu um *modus vivendi* que, se na época, dizia respeito a apenas algumas regiões do globo, hoje, praticamente, constitui-se no modo de vida contemporâneo por excelência. Aquela aldeia global profetizada por McLuhan efetivamente está se concretizando, mesmo que diversamente do sentido por ele imaginado. O certo é que o mundo, cada vez mais, tende a ser visto como uma imensa malha que, no limite, poderá vir a constituir uma só cidade. Como alguns especialistas já têm chamado a atenção, a vida rural no Ocidente corre o risco de desaparecer, ficando todos, ainda que em graus diversos, submetidos ao império da cidade.

Entre aquelas características descritas por Simmel uma, principalmente, cabe destacar aqui. Trata-se do que ele chamou de atitude de *reserva* do habitante da grande cidade, que, para se proteger dos choques sucessivos advindos do dia-a-dia metropolitano, desenvolve uma vida subjetiva que permite a ele defender-se de uma estrutura social objetiva e impessoal, totalmente dominada pelo dinheiro, e que constantemente o ameaça enquanto indivíduo. Essa idéia será desenvolvida por outros pensadores, entre os quais Freud e, de modo muito vigoroso, por Walter Benjamin. No seu ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire”, o filósofo alemão, na esteira de Simmel e Freud, irá desenvolver um de seus principais conceitos, o de *choque*, de larga utilização hoje quando se quer pensar a vida contemporânea, e, em especial, a que transcorre nas megalópoles de nosso tempo.

A obra de Caio Fernando Abreu, sob esse ponto de vista, é das mais representativas e instigantes, no âmbito da literatura brasileira, no que se refere à expressão literária de sujeitos urbanos contemporâneos. Indivíduos dilacerados entre a atitude de *reserva* apontada por Simmel, e a conseqüente elaboração de uma vida altamente subjetiva, com todas as perdas daí advindas, e uma atitude que busca justamente romper com essa *reserva*, transgredindo assim com determinadas normas sociais. Normas essas explícita ou implicitamente impostas aos habitantes das grandes cidades, e que acarretam a esses, quando transgredidas, um preço, às vezes, bastante alto. Daí, em parte, a originalidade de sua narrativa, e a impossibilidade, por fim, de enquadrá-lo, seja entre os autores “intimistas”, seja, menos ainda, entre os chamados “realistas” ou com “preocupações sociais”. A obra de Caio Fernando Abreu não é nem uma coisa nem outra, ou melhor, comporta muito bem as duas dimensões, além de outras, fundindo-as numa síntese responsável pela sua peculiaríssima dicção, já várias vezes destacada pela crítica.

Bastante interessante, também, do ponto de vista da obra de Caio Fernando Abreu, é a característica apontada por Simmel como sendo aquela que distingue a vida da cidade pequena daquele *modus vivendi* típico do sujeito metropolitano, e que vem a ser a grande liberdade adquirida por ele no que diz respeito ao controle social.

Controle que, como é por demais sabido, é grande nos pequenos núcleos urbanos, e que tende a desaparecer quanto mais cresce a cidade. No entanto, essa liberdade usufruída na metrópole que, isoladamente, só pode ser vista como algo positivo para o sujeito, acaba sendo, em certa medida, negativa, em decorrência de um fator que já Baudelaire apontava nos seus textos sobre Paris. Estou me referindo aqui ao conhecido par multidão/solidão, que o poeta francês aproximou, de uma vez para sempre, no poema em prosa justamente intitulado “As multidões”.

O que para muitos leitores do século XIX talvez pudesse soar como uma idéia paradoxal – quanto mais pessoas convivendo, maior a solidão – veio a tornar-se amplamente consensual entre todos aqueles que, ao longo do século XX, vivenciaram essa verdade encravada no cotidiano das grandes concentrações urbanas do planeta: quanto maior seu tamanho, quanto maior a sua população, maior a solidão, maior a carência afetiva, a desorientação, a fragmentação de seus habitantes, maior, enfim, as perdas identitárias.

A *reserva* típica do ser metropolitano, conforme apontado por Simmel, pode ser vista também como configurando a contraparte, o preço a pagar pela tal liberdade antes referida. É como se aquela vivência provinciana, típica das pequenas comunidades, continuasse presente, não agora pelo controle, que se torna impossível na grande cidade, dada a sua dimensão, mas por uma espécie de “fatal punição”. Como se fosse impossível diluir a pequena cidade na grande, como se aquela permanecesse como um coágulo na memória, tal como aquele “maldito Passo da Guanxuma que eu não consigo esquecer, por mais histórias que invente”, conforme desabafa o narrador do conto intitulado “Uma praiazinha de areia clara, ali, na beira da sanga” (90).

Adentrando já na obra escolhida, gostaria de remeter ao título desse ensaio, “Eroscidades: o grande motel das estrelas”. Talvez não haja na moderna narrativa brasileira obra que melhor represente, que melhor sintetize, que de forma mais clara exemplifique as intenções de uma pesquisa desse teor do que a do gaúcho Caio Fernando Abreu, e de forma muito especial a coletânea *Os dragões não conhecem o paraíso*. Isso porque a metrópole é vista aí como povoada por seres anônimos e solitários, seres obsessivamente em busca de amor e/ou sexo. Eroscidades de todos, em todos os momentos, em todos os lugares. Como na antológica cena de *Pai patrão*, filme dos irmãos Taviani, em que o mundo rural inteiro parece entrar no cio, aquele livro encerra, em certa medida, e como já ocorria, aliás, em *Morangos mofados*, coletânea de contos de 1982, uma espécie de mundo metropolitano em pleno cio.

Mas, no caso de Caio Fernando Abreu, não apenas “porque hoje é sábado”, para lembrarmos aqui o célebre poema de Vinicius de Moraes, mas porque além de sábado é madrugada, e estão todos mais ou menos embriagados e/ou chapados, e perdidos, e carentes, e, principalmente, porque a cidade é moderna: vale dizer, fragmentada, labiríntica, dilacerada, delirante, e quantos adjetivos mais – e seriam tantos – quisermos acrescentar, mas sempre a cidade moderna, sedutora. Como lemos em um dos trechos da coletânea em questão, trata-se sempre de

[A]mor picadinho, claro, amor bêbado, amor de fim de noite, amor de esquina, amor com grana, amor com fissura, chato nos pentelhos e doença, nas madrugadas de sábado desta cidade que você não conhece nem vai conhecer. De qualquer jeito, amor, Dudu, embora não mate a sede da gente. Amor aos montes, por todos os cantos, banheiros e esquinas (87).

Há palavras que percorrem, que povoam esses e outros textos de Caio Fernando

Abreu, e que ajudam a configurar tal imagem, essa idéia de se pensar a cidade como um grande motel a céu aberto, essa cidade erotizada e erotizante. Noite, sábado, madrugada, sexta, vinho, vodka, domingo, cerveja, cocaína, baseado, camisinha, bares, esquinas, etc., palavras e significados de larga tradição e presença na vida boêmia do Ocidente e que, por si só, definem um campo semântico que magnetiza toda uma família de escritores e, por sua vez, fascina um determinado perfil de leitor. E embora traçar um perfil de leitor seja das tarefas mais difíceis, como sabemos, pode-se arriscar dizer que tal leitor, constituinte de um grupo social característico, tende a ser igualmente seduzido – e o termo aqui é bastante adequado – por aquele discurso erótico e erotizante da cidade e suas representações, inicialmente referido.

É a cidade como o lugar de todas as luxúrias, de todos os pecados, é a cidade do Mal, é a cidade, enfim, na sua vocação primeira, conforme uma das mais antigas concepções da *urbis*, ou seja, como tendo sido criada por Caim (Oliven). Neste sentido, apesar de desfilarem pelo livro de Caio Fernando Abreu os mais variados tipos, desde a “dama da noite”, do conto de mesmo nome, até o “homem de quase quarenta anos e o jovem de quase vinte”, do relato de corte borgiano intitulado “O rapaz mais triste do mundo”, passando pela “Pantera Loura Disposta A Tudo Por Um Status Mais Elevado”, a “Lésbica Publicamente Assumida” e o “Patriarca Meio Sórdido Fugido Das Páginas do Satyricon”, do conto “Saudades de Audrey Hepburn”, todos trazem a marca de Caim, de alguma forma transgridem o que se espera da cidade solar, diurna, cotidiana, trabalhadora, aquela cidade que se instala quando as estrelas vão embora, quando a cidade passa de motel a hotel; que continua sendo de todos e, por isso, de ninguém, mas há um mínimo de decoro a ser cumprido até que as estrelas voltem, e tudo recomeça: São Paulo, Babilônia.

Como os vagabundos de Beckett, os personagens de Caio Fernando Abreu sabem, ou intuem, ou desconfiam que Godot não virá. Mas, ao contrário da peça, é quando a noite chegar que eles lá estarão, buscando o que lhes falta, lutando por suas “necessidades básicas”, erosidades, erotizados, excitados, prontos para freqüentarem esse ilimitado motel das estrelas: a grande cidade.

Obras Citadas

- Abreu, Caio Fernando. *Morangos mofados*. 5 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1984.
- Abreu, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- Baudelaire, Charles. *Oeuvres complètes*. Paris: Pléiade, 1951.
- Benjamin, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: Benjamin, Walter et al. *Textos escolhidos*. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- Calvino, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- Mumford, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- Oliven, Ruben. *O mito da cidade e outros ensaios*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, s.d.
- Sennett, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- Simmel, Georg. A metrópole e a vida mental. In: Velho, Otávio Guilherme, Org. *O fenômeno urbano*. São Paulo: Zahar, 1979.